

## Polinose, alérgenos e Estação Polínica de Urticaceae em Caxias do Sul, RS.

### Prezado Editor,

A polinose representa uma típica doença mediada por anticorpos da classe IgE, manifestada nos indivíduos sensibilizados por rino-conjuntivite e/ou asma brônquica de característica estacional. Para que exista doença, é necessário que existam condições prévias relativas aos pólenes e ao indivíduo exposto. O denominado postulado de *Thommen* enumera como fatores principais: o pólen ser alergênico, anemófilo e estar em concentração elevada no ar<sup>1</sup>.

A família Urticaceae é considerada de elevada importância em algumas áreas da Europa, sendo o pólen do gênero *Parietaria* um fator importante de polinose<sup>2</sup>.

Estudo aerobiológico realizado em Caxias do Sul por Vergamini *et al*<sup>3</sup>, no período de 2001 a 2005, observou que o tipo polínico Urticaceae ficou em primeiro lugar, representando 25,6% do total dos grãos contabilizados, sendo que no ano de 2003 ocorreram 75 dias com mais de 30 grãos por m<sup>3</sup> de ar. Considera-se que esta concentração seja suficiente para produzir sintomas em indivíduos sensibilizados por pólen de *Parietaria*, naquelas regiões da Europa, onde é encontrado<sup>2</sup>.

As espécies *Boehmeria* Jacq e *Urera* Gaudich (urtigão) pertencem à família Urticaceae, são citadas como espécies representativas da flora local, onde são sugeridas pesquisas utilizando-se extratos polínicos<sup>3</sup>. Seus potenciais alergógenos são desconhecidos. O gênero *Urtica*, também da família Urticaceae, é considerado alergicamente não importante no aparecimento de polinose<sup>4</sup>. *Urtica circularis* (Hicken) Sorarú é relatada, igualmente como uma espécie representativa na área de Caxias do Sul<sup>3</sup>.

Métodos imunológicos confirmam a ausência de reatividade cruzada entre os gêneros *Parietaria* e *Urtica* e menor potencial alergênico para *Urtica dioica*<sup>4,5</sup>.

Em Leiden (Holanda) a média anual total de pólen de *Urtica* no período (1977-1985) foi a mais importante (30,6%) e a incidência de sensibilização por *Urtica dioica* foi de 2,1%, diferente das gramíneas que obteve 93,0%<sup>6</sup>.

Realizou-se observação em 60 pacientes com polinose por gramíneas na área de Caxias do Sul (setembro a dezembro de 2006), utilizando-se extratos polínicos (teste de puntura) com pólen de *Lolium multiflorum* e *Urtica ss.p* (Lab. Alergo-Pharma - Argentina) e *Urtica* (Lab. IPI ASAC - Argentina). Serviram como controles solução salina e histamina (10mg/ml).

Calculou-se em milímetros a média das pápulas em seus maiores diâmetros ortogonais com os seguintes resultados: *Lolium multiflorum* 11,7mm (desvio padrão [DP] 3,7mm), *Urtica ssp* 2,3mm (DP 2,5mm), *Urtica* 1,50mm (DP 2,5mm). *Urtica ssp* apresentou testes negativos em 48,3% do total dos pacientes, o mesmo ocorreu em 68,3% daqueles testados com *Urtica*. O valor do coeficiente de correlação de Pearson entre *Lolium multiflorum* e *Urtica ssp* foi 0,189 (p=0,148) e para *Urtica* foi 0,204 (p=0,119), portanto, mostrando correlações reduzidas.

Futuras observações são necessárias para conclusões acerca do significado desses achados, utilizando nossos próprios locais de trabalho. Uma dessas, provavelmente,

seja um autoquestionamento: Como estão clinicamente aqueles pacientes submetidos à imunoterapia específica considerados "mono-sensibilizados" por pólen de gramíneas, usando-se extratos polínicos padronizados, em doses adequadas, por um período de três a cinco anos consecutivos?

Como estão os sintomas dos pacientes que finalizaram a imunoterapia específica nos últimos cinco a dez anos? Existem sintomas agudos durante a primavera por dois ou mais anos consecutivos?

Caso as respostas sejam positivas, poderemos pensar: "algum pólen diferente estará no ar"? Isto justifica revisarmos o painel de antígenos de extratos polínicos da flora local regional!

Lembremo-nos que a relatada estação polínica de Urticaceae coincide com aquelas das gramíneas durante os meses da primavera<sup>3</sup>.

Os alergologistas devem estimular a criação de Núcleos de Aerobiologia em universidades regionais, visando o estudo da dispersão polínica e esporos de fungos do ar.

Os relatos postulados de *Thommen*<sup>1</sup> ensinam-nos a manter um raciocínio clínico em relação à doença polínica, em nossos pacientes na prática médica!

Francisco M. Vieira  
Prof. Titular de Medicina  
Universidade de Caxias do Sul - RS

### Referências

1. Newmark FM. Aeroallergens. In Lockey RF (ed) Allergy and Clinical Immunology. 1ª Ed. New York: Medical Examination Publishing Co. Inc 1979. p.626-55.
2. D'Amato G, Ruffilli A, Ortolani C. In D'Amato G, Spieksma FM, Bonini S (ed) Allergenic Pollen and Pollinosis in Europe. 1ª Ed. London: Blackwell Scientific Publication; 1991. p. 113-18.
3. Vergamini SM, Valencia-Barrera RM, Maffazzoli TF. Concentração do pólen de Urticaceae na atmosfera de Caxias do Sul, RS, no período de 2001 a 2005. Rev. bras. alerg. imunopatol. 2007; 30:194-197.
4. Bousquet J, Hewitt B, Guerin B. Allergy in the Mediterranean area II. Cross-allergenecity among Urticaceae pollens (*Parietaria* and *Urtica*). Clin Allergy 1986; 16:57-64
5. Vega-Maray AM, Fernández-Gonzales D, Valencia-Barrera R, Suárez-Cervera. Allergenic proteins in *Urtica dioica*, a member of the Urticaceae allergenic family. Annals of Allergy, Asthma and Immunology. 2006; 97: 343-49.
6. Spieksma FTM. In D'Amato G, Spieksma FM, Bonini S (ed) Allergenic Pollen and Pollinosis in Europe. 1ª Ed. London: Blackwell Scientific publications; 1991, p.203-206.

Correspondência:  
Francisco M. Vieira  
Rua Dom José Baréa, 2005/501 – Exposição  
95084-100 – Caxias do Sul – RS  
E-mail: famvieira@hotmail.com  
Fone: (54) 3221 4777